## Onde está o teu irmão? Reagir à indiferença com um novo sonho de fraternidade

José Frazão Correia<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Proponho-me, talvez de forma demasiado modesta, fazer como que uma leitura comentada da Encíclica *Fratelli Tutti (FT)*, do Papa Francisco, destacando pontos que me parecem ser particularmente significativos e promissores, seja no que diz respeito à matéria explicitamente tratada neste documento pontifício de 2020; seja no que diz respeito ao estilo eclesial, a uma forma ou modo de proceder que o Papa Francisco tem procurado que seja apropriado pela Igreja no seu conjunto; seja ainda quanto ao projeto cultural amplo que vai propondo à escala global como vocação comum que implica a partir do futuro.

## 1. LOUVADO SEJAS, MEU SENHOR, PELOS IRMÃOS QUE SÃO TODOS

#### 1.1 OUSADIA DE SONHAR

A ousadia de sonhar com os pés bem assentes no chão, conjugando um profundo sentido elementar do real e do humano com a consciência aguda da sua complexidade e das suas reais possibilidades, constituem traços distintivos e força particular do Papa Francisco. E já não seria pouco, muito concretamente, para um estilo eclesial no contexto secular e crescentemente plural que é o nosso, que, como ele mesmo tem vindo a sublinhar em múltiplas ocasiões, não é só um tempo de mudança, mas se constitui como mudança de tempo.

Neste quadro, o elementar e o complexo, o cru e o esperançoso, o drama e a alegria, o húmus comum e o carácter poliédrico e polifónico da realidade e do humano são traços conjugados na sua tensão fecunda, tensões polares que, precisamente, enquanto tensões que não se separam nem se fundem, expõem uma fecundidade própria.

O caminho a que abrem, neste caso, no que diz respeito à fraternidade universal e à amizade social, não sucumbe de todo à tentação da *dis-topia* destruidora, desenho de um mau

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Diretor da Revista Brotéria.

lugar ou capitulação diante de um mau lugar, mas nem sequer da u-topia, qual não lugar eventualmente quimérico e alienante. Pelo contrário, aviva e mobiliza o sonho da eu-topia, de um lugar bom, digno de ser habitado com outros, um bom lugar que é horizonte de possibilidade, nunca plenamente alcançado, mas sempre a perseguir (cfr. Rossetti, 2021, pp. 45-66). Na linguagem cara a Francisco, mais do que lugar que se ocupa, será processo que mobiliza e que mantém em movimento, capaz de articular de modo fecundo sonho e realidade, desejo e realismo, tenacidade e paciência, custo e alegria. Sem que se desvalorizem as coisas primeiras e a memória do que se foi e que, eventualmente, se perdeu, esta eu-topia implica a imaginação das coisas últimas – imaginação como faculdade do real e do possível, não do irreal e do impossível –, movida pela promessa que é capaz de gerar verdade e justiça nas formas de habitar a terra e de edificar relações humanas. Afinal, Génesis e Apocalipse, paraíso originário e cidade bem edificada, poderão não estar assim tão separados. Talvez os possamos ter como polos da tensão que diz o nosso entre-tanto (cfr. Correia, 2014), essa riqueza espacial e compasso temporal, no qual nos cabe ser com outros: tensão que, para ser justa, segundo a sabedoria de Calcedónia (451), não cederá nem a desfazer-se na fusão dos polos nem a romperse na separação radical entre eles.

#### 1.2 FORMA DE VIDA COM SABOR A EVANGELHO

De uma forma de vida com sabor a Evangelho se trata em *FT*, de um modo de vida, com fundo místico e força profética – de um *estilo*, uma forma específica e distintiva de habitar o mundo, como explicitaria o Christoph Theobald (2007). Como é habitual, Francisco não se situa no campo do enunciação conceptual, nem sequer da exposição de ensinamentos a aplicar de cima para baixo, mas de um modo de proceder que envolva múltiplos protagonistas e se constitua como processo de mudança. Verdadeiramente, uma via de conversão em vista da mudança que seja capaz de alterar efetivamente o curso da história.

Trata-se, de facto, de um grande sonho, que não se fique por diagnósticos e receitas, mas inicie e acompanhe processos amplos e partilhados de transformação. Pede ousadia para fazer alimentar um anseio mundial de fraternidade entre todos os homens, mulheres e comunidades, ninguém excluído, uma humanidade única, una e plural nas suas múltiplas diferenças. Curiosamente, num tempo em que tudo parece estar ao nosso alcance, Francisco recorda, não só a possibilidade, mas o dever e a ousadia de ter e de cultivar este grande sonho.

FT segue-se a Laudato Sì' (LS), "sobre o cuidado da casa comum", de 2015, como se de um painel do mesmo díptico se tratasse. Em Evangelii gaudium (EG), de 2013, temos a apresentação do projeto. Aí está apresentado o programa pictórico que, depois, se conjuga nestes dois painéis da mesma obra. Húmus e humanidade, habitar a terra e viver de modo humano, ecologia integral e fraternidade universal apresentam-se, de facto, como dois painéis da mesma peça, duas declinações da mesma forma de vida que se refazem, tanto ao coração do kerigma cristão, como ao que de mais elementar acomuna os seres humanos.

Portanto, todos irmãos. Todos e todas, habitando a mesma casa comum, responsáveis pelo bem e pelo desenvolvimento integral de cada um, em vista de uma plenitude mais conseguida. Depois do apelo ao cuidado da criação através de uma ecologia integral, e não querendo oferecer páginas-resumo de «doutrina sobre o amor fraterno», Francisco detém-se, agora, na dimensão universal do amor e na sua abertura a todos. Fá-lo como «humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as muitas formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras». Parte, obviamente, das «convicções cristãs» que o «animam» e o «nutrem» (FT 6), mas com o propósito de gerar diálogo com todas as pessoas de boa vontade e de promover com todas elas processos efetivos de transformação social, política e económica. Porque é importante sonhar juntos – não aconteça que, sozinhos, se tenham miragens e se veja o que não existe, alerta (cfr. FT 8) –, este é um novo passo que retoma e faz avançar a reflexão prévia, feita em diálogo com o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum, e o compromisso conjunto assinado em Abu Dhabi, em fevereiro de 2019. Do mesmo modo, LS já tinha assumido este mesmo modo de proceder no diálogo com o Patriarca Ecuménico Bartolomeu. Desprendimento de si e disposição a aprender com o outro são traços marcantes deste estilo que, diria C. Theobald (2015, pp.188-195), são marcas da santidade do próprio Jesus que, portanto, deveriam ser marcas informadoras, desde logo, do estilo eclesial.

#### 1.3 FRANCISCO DE ASSIS: TUTTI NUDI, CANTANDO

Francisco de Assis continua aqui a inspirar e a mover o Papa Francisco, de quem colhe o sabor e o saber – sabor e saber, sublinho: um sabor que sabe; um saber que sabe bem – do «essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas

independentemente da sua proximidade física», dando vida a um amor simples e fecundo que «ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço» (FT 1). E colhe em concreto o exemplo desarmante e eloquente da visita em pobreza do poverello de Assis ao Sultão Malik-al-Kamil, no Egito, em pleno ambiente de Cruzadas, reconhecendo o Papa como, passados oito séculos, continua a ser impressionante a recomendação que deixa aos seus irmãos: «evitar toda a forma de agressão ou contenda» e «viver uma "submissão" humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé» (FT 3).

Da sua adesão radical ao Evangelho de Jesus pobre e humilde e do estilo de vida que escolhe para si, verdadeiramente pobre e genuinamente alegre, Francisco de Assis recebeu «no seu íntimo a verdadeira paz, libertou-se de todo o desejo de domínio sobre os outros, fez-se um dos últimos e procurou viver em harmonia com todos» (*FT* 4). Por isso, Francisco de Assis, continua a inspirar tanto. Deste sopro transformador de vida evangélica, o Papa Francisco continua a faz-se caixa de ressonância. Francisco, "nu que canta". Húmus e humildade. Leonardo Boff, no seu livro recente *Habitar a terra* (2021), sublinha esta mesma proximidade das duas raízes húmus e humildade, conjugadas com a alegria que se exprime no canto – reconhecemos nos dois Franciscos a pobreza e a alegria –, talvez a melhor síntese da liberdade e da igualdade quando alicerçadas na fraternidade. Porque vivemos todos irmanados na finitude, nessa nudez estrutural, poderemos reconhecer-nos como irmãos e irmãs livres e iguais e irmanarmo-nos no desejo de elevação à plenitude da humanidade comum, sem marginais nem excluídos, cuidando uns dos outros, sobretudo dos mais frágeis, e da mesma casa comum.

#### 2. DA INDIFERENÇA A UMA CULTURA DIFERENTE

## 2.1. "ADÃO, ONDE ESTÁS?"; "ONDE ESTÁ ABEL, TEU IRMÃO?"

Do fechado ao aberto, do isolamento ao diálogo, do meu ao nosso, do monocolor ao poliédrico, por aqui vai o caminho proposto por *FT*, para reavivar e arriscar cumprir a necessidade e o anseio mundial de uma fraternidade entre todos. É feito em oito etapas. Oito capítulos. A luz bíblica para a caminhada é dada, no Cap. II, pela parábola eloquente do Bom Samaritano, registada pelo evangelista Lucas 10, 25-37.

Como pano de fundo originário e, por isso, permanente, fica esse aguilhão que é a pergunta de Deus a Caim: "onde está Abel, teu irmão" (Gn 4,9). Só respondendo a esta pergunta

se dará resposta conveniente à outra, a primeiríssima, feita a Adão: "onde estás?" (Gn 3,9). Na verdade, a via que dá acesso à própria identidade será a mais longa, aquela que passa pelo outro, pela sua alteridade, particularidade e diferença. A hora da verdade sobre si próprio acontece quando se cuida dos sofrimentos dos outros ou quando se passa ao largo; quando se se debruça sobre o caído ou quando se olha distraído ou se acelera o passo. Em vários momentos e de vários modos, o Papa vai-o repetindo nesta Encíclica.

Sobre a narração do Bom Samaritano, o Papa Francisco adverte: «A narração – digamolo claramente – não desenvolve uma doutrina feita de ideais abstratos, nem se limita à funcionalidade duma moral ético-social». O que está verdadeiramente em jogo é «uma caraterística essencial do ser humano, frequentemente esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor» (*FT* 68). Francisco é coerente com o princípio formulado em *EG* (231-233) de que a «a realidade é mais importante do que a ideia», uma vez que «a realidade simplesmente é, a ideia elabora-se». É por isso que importa cultivar um diálogo constante entre elas, de modo a evitar que «a ideia acabe por separar-se da realidade».

Ora, encontrando-me inesperadamente com *um estranho no caminho* (Cap. II), o que faço? Ignoro? Olho para o lado? Passo à margem, indiferente? Escutada a parábola do Bom Samaritano, importa perguntar: «Com quem te identificas? É uma pergunta sem rodeios, direta e determinante: a qual deles te assemelhas? Precisamos de reconhecer a tentação que nos cerca de se desinteressar dos outros, especialmente dos mais frágeis». Se é verdade que crescemos em muitos aspetos – somos tecnologicamente avançados, esteticamente sofisticados, estamos conectados tecnologicamente à escala mundial –, permanecemos «analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas». Porque nos habituámos «a olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima» (*FT* 64). Porém, «diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano» (*FT* 67), recorda o Papa. Porque «viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído "nas margens da vida". Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade» (*FT* 58).

Com estas palavras vêm à memória outras bem fortes, ditas noutros momentos, como aquele em que Francisco visitou Lampedusa, logo no início do seu pontificado e em plena crise

dos refugiados no mediterrâneo, palavras com as quais pôs o dedo na ferida de uma certa insensibilidade ao sofrimento alheio, que se traduz na incapacidade de se comover e de chorar pelo outro. Por isso, uma vez que a parábola não é para os outros e porque «o facto de crer em Deus e de O adorar não é garantia de viver como agrada a Deus» (FT 74), concretamente para a Igreja, «é importante que a catequese e a pregação incluam, de forma mais direta e clara, o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos» (FT 86). Para que a cultura da atenção, da escuta e do diálogo seja aprendida como caminho; para que a colaboração seja tida como conduta; para que o conhecimento mútuo passe a ser método e critério (cfr. FT 284).

#### 2.2. MÍSTICA DA FRATERNIDADE

Em *EG*, como bem sublinhou C. Theobald (2021, pp.232-248), o Papa Francisco exprime-se em termos de "mística da fraternidade", usando a expressão em vários números (*EG* 87.92.272; 124.237): «fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo» (*EG* 92). Já em *FT* a expressão é usada com mais precaução, talvez para que não seja deformada por conceções espiritualizantes desencarnadas, social, politica, económica ou culturalmente descomprometidas. Porém, com a expressão ou com o fundo para o qual aponta, o encontro afetivo e efetivo com o outro, na sua alteridade, com todos os riscos que comporta, constitui-se, de facto, como chave hermenêutica de *FT*.

Importa sublinhar que a mística da fraternidade se alicerça sobre a corporeidade (cfr. *EG* 87). Trata-se, por isso, de uma mística corporal, da proximidade física, do viver juntos. Portanto, de uma espiritualidade inscrita no corpo que se toca, no rosto que interpela. A prova da sua verdade não está numa sacralidade separada, num conhecimento gnóstico, numa ascese pelagiana de aperfeiçoamento pessoal. A prova é o outro real, com um rosto concreto, com uma voz particular.

Neste contexto, no mesmo texto apenas citado, Theobald regista como os ideais de liberdade e de igualdade da revolução francesa podem ser remetidos e tutelados pela esfera do direito, que estabelece legalmente os efeitos e as modalidades concretas. Quando um cidadão entende que não são respeitados, pode mover processos legais que os tutelem ou que os

reparem, quando ofendidos. Pelo contrário, a fraternidade, tal como a formula o art. 1 da Carta Universal dos Direitos Humanos de 1948 – «Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos [...] e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade» – diz respeito a um dever moral que nenhuma lei pode impor à força. No fundo, apelando à coesão da sociedade, sempre posta à prova, a fraternidade transcende qualquer constitucionalidade. Há aqui algo de mística, ainda que secularizada, remetendo inequivocamente para uma transcendência que a sociedade civil e o direito, só por si, não podem garantir legalmente. A ser assim, a sociedade vê-se apoiada sobre uma base que ela mesma não pode garantir, mas que importará cuidar, não aconteça que sem ela, os valores da liberdade e da igualdade se degradem e se retorçam sobre si próprios.

A fraternidade diz, pois, algo de estrutural sobre a própria identidade. Entendida como prática efetiva de encontro com o outro, na sua concretude e diferença, é ato de exposição, talvez no duplo sentido de "pôr fora algo de si" e de se "pôr a jeito", já que na exposição se perde o controlo do processo e o hóspede poder tornar-se, de facto, hostil. Não se tratará de renunciar à própria identidade ou de realizar um bom sentimento de vaga condescendência, mas de um exercício consciente de compreensão e de reelaboração da própria identidade — poderemos ler, tanto o Concílio Vaticano II, como o lugar da Igreja no espaço público atual (cfr. Neri 2020), à luz deste traço, de tão difícil apropriação no pensar e no agir eclesial: compreendermo-nos a nós mesmos dando lugar ao olhar de fora; não simplesmente olhar de outro modo o "fora", o que já não seria pouco, mas deixar-se olhar pelo "fora" para aprender mais plenamente quem se é. Haverá uma parte de mim à qual chegarei apenas pelo caminho mais longo que passa pelo outro. O outro, portanto, por mais incómodo e difícil que se apresente, mais do que ameaça à própria identidade, é parte constitutiva dessa mesma identidade. Obviamente, esse caminho mais longo não é linear. Pode mesmo ser dramático, porque há risco na alteridade, há risco na fraternidade.

Neste risco que é o outro, que é o irmão, afirma-se a determinação a não querer ser sem ele. Se quero ser eu mesmo, não o posso ser sem ti, expressão que tomo de Michel de Certeau, via Stella Morra (2004). Se queremos ser nós mesmos, não o poderemos ser sem o *outro* diferente de nós, o outro cada homem e mulher, próximo ou afastado; o outro passado e o outro que ainda há de nascer; o outro natureza; o outro história; o Outro transcendente que se dá e reclama responsabilidade em cada outro. Para alcançar a própria identidade é preciso percorrer

a via mais longa e, eventualmente, custosa que passa pelo outro, o que não significa obviamente a anulação de si mesmo.

A tensão expressa na formulação de Calcedónia, que já evocava acima, acerca da relação entre as duas naturezas na mesma pessoa do Verbo encarnado, também poderá ser inspiradora aqui: sem confusão, nem separação. Nem conquista nem diluição, mas tensão entre diferentes que se encontram. Aquilo que se gera entre eles não aconteceria sem que se encontrassem, mas o que se gera é outro em relação a eles que se encontram. Mais abstratamente, chamemos-lhe "terceiro". Mais existencialmente, chamemos-lhe "filho". Na realidade, além do cuidado de cada uma das partes, importa o cuidado pelo espaço de circulação entre elas, um "entre-tanto", o lugar do terceiro que, em linguagem teológica trinitária, tem o nome de Espírito Santo, no qual riqueza, particularidade e multiplicidade complexa são capazes de se conjugar com unidade, integralidade, poliedricidade. A imagem da esfera e do poliedro usada por Francisco em *EG* (236) poderá ajudar também aqui. Mais do que uma distância idêntica e uniforme entre um centro e um ponto da sua periferia, unidade segundo a imagem da esfera, a imagem do poliedro reenvia para a multiplicidade de formas e de expressões que se reveem na unidade.

#### 2.3. DADO NATURAL OU TAREFA?

Edificar a fraternidade simplesmente sobre a evidência de um dado, chamemos-lhe "natural", não seria suficiente. Sabemo-lo com Caim e Abel, com Jacob e Isaú, com José e os irmãos e, possivelmente, também com a nossa própria experiência. Os irmãos podem matar-se, vender-se, enganar-se, ofender-se: ou eu, ou tu. Ou, então, podem ajudar-se e proteger-se como grupo cujo interesse se sobrepõe a qualquer outro e em nome do qual estão dispostos a cometer violência: ou nós, ou eles. Os irmãos tanto fazem guerra entre si como se favorecem injustamente. Por isso, o dom que a fraternidade é – na compreensão cristã, esse dom tem o nome de filiação que se refaz a uma origem geradora comum – deve ser conjugado com o apelo a uma experiência universal, compreendida quer religiosamente, quer civilmente. Como sempre, o "dado natural" pede elaboração filosófica e teológica, trabalho cultural e social.

Mas, mais do que dado, a fraternidade é projeto e processo de transformação do viver quotidiano, geradora de processos de eleição livre e de aprendizagem com outros. Creio ser este o acento do Papa Francisco. A referência ao fundamento bíblico e teológico está presente neste

texto – somos filhos do mesmo Pai –, tal como está presente o fundamento elementar da nossa comum nudez enquanto humanos. Também é sem equívocos que Francisco estabelece a dignidade inalienável de cada ser humano como base comum. Ainda assim, a fraternidade universal e a amizade social são consideradas essencialmente como *eu-topia*, vocação, não só religiosa, mas também civil, cultural, social, e tarefa que seja capaz de implicar e de mobilizar o pensamento e a ação, o registo pessoal e o institucional, as culturas e as religiões. Sem prescindir do discurso do fundamento, é como se se dissesse, de forma muito pragmática: imaginemos que é possível uma fraternidade social e uma amizade efetiva entre povos. Poderemos mover-nos por essa vocação comum? Porque, se não o fizermos, o risco será o de reduzir o sujeito humano a objeto e de não deixarmos às gerações futuras uma casa capaz de ser habitada.

## 3. DAS SOMBRAS DE UM MUNDO FECHADO À GERAÇÃO DE UM MUNDO ABERTO

#### 3.1. UM MUNDO FECHADO. ENTRE LUZES, MUITAS SOMBRAS

Tudo isto pede consciência do longo e amplo caminho a percorrer.

Logo no Cap. I, antes de percorrer a parábola evangélica do Bom Samaritano, texto capaz de falar, não apenas a crentes, que a têm como palavras revelada, como também à nossa cultura secular, qual recurso cultural, Francisco começa por expor as sombras de um mundo fechado, as «tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal» (FT 9). Não é sua intenção fazer «uma assética descrição da realidade» (FT 56), mas levar a tomar consciência das grandes feridas e dos abismos do momento mundial que vivemos, para acolher o apelo imperioso da mudança de que são portadoras e para projetar sobre elas a luz do amor fraterno que brilha do Evangelho de Jesus Cristo, o amor tangível do bom samaritano, critério de verdade de uma vida humana. Paul Ricouer, no texto citado pelo Papa Francisco em FT, da obra Histoire e Verité (1955), já tinha exposto este tópico. O peso de uma existência é dado pela verdade e pela extensão do amor, que tanto pode ser realizado pelo "próximo" que dá pão ao mendigo que encontra junto da porta, como pelo "sócio" que, por exemplo, como legislador, aprova uma lei que retira da miséria milhões de pessoas. "Próximo" e "sócio" dizem, portanto, a verdade e a extensão, o corte vertical e transversal do amor que realiza a fraternidade, co-implicando-se mutuamente. O amor dá verdade à ação. Esta dá extensão àquele (cfr. Correia, 2005).

Mas voltemos ao mundo fechado. São muitas e densas as sombras deste mundo, em movimento de se fechar ainda mais. «Durante décadas, pareceu que o mundo tinha aprendido com tantas guerras e fracassos e, lentamente, ia caminhando para variadas formas de integração» (FT 10). «Mas a história dá sinais de regressão. Reacendem-se conflitos anacrónicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos» (FT 11).

Importa tomar nota. A aldeia global em que nos tornámos esconde o isolamento, o afunilamento ideológico, o consumismo acrítico, o empobrecimento da riqueza cultural e da biodiversidade. A globalização e o progresso fazem-se sem um rumo comum, sob o domínio dos interesses e estratégias globais da economia e da finança, tantas vezes sem escrutínio político. Esses impõem globalmente um modelo cultural único. Somos tidos e tornámo-nos consumidores sem limites, individualistas sem conteúdo, personagens sem história, sem antes nem depois. Lisos, sem rugas, sem dramas, sem densidade, narcisistas, sem herança, sem rumo, sem história, como diria o filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, Byung-Chul Han (2016). Tudo imediatamente, sem projetos comuns de longo prazo. Vivemos prisioneiros da virtualidade, das conexões imediatas e rápidas. Impacientes e inseguros, movemo-nos em círculos fechados, em bolhas protetoras, reforçadas, agora, pela pandemia. Sem apreço pela fraternidade. Sem gosto pela realidade que se toca. A nível político, tende-se a exasperar, a exacerbar, a polarizar. Ridiculariza-se, desqualifica-se, lançam-se suspeitas para alimentar a controvérsia e a contraposição. Divide-se para reinar. Acentuam-se formas insólitas de agressividade. A cultura de descarte reforça-se. Descarte de coisas. Descarte de pessoas. Descarte de povos. Descarte de diversidade e de riqueza cultural. Promove-se e afirma-se uma mentalidade de medo e de desconfiança. A ética deteriora-se. Nota-se a tendência para uma certa a-moralidade dos discursos e das práticas. Nem morais, nem imorais, mas a-morais. Os valores espirituais enfraquecem, como enfraquece o sentido de responsabilidade. Esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade. O sonho de construir juntos uma humanidade comum é tida como devaneio, utopia ingénua de outros tempos. Globaliza-se, por isso, a indiferença acomodada e fria.

#### 3.2. PENSAR E GERAR UM MUNDO ABERTO

Neste contexto cada vez mais fechado e monocromático, a indiferença insensível e a resignação passiva não podem ser caminho. Importa, por isso, *pensar e gerar um mundo aberto* (Cap. III). Pensar e gerar. Precisamos da ideia e da ação, começando por ter bem presente que o ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude "a não ser no sincero dom de si mesmo" aos outros», e que «não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: "Só comunico realmente comigo mesmo, na medida em que comunico com o outro". Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver sem rostos concretos a quem amar. Aqui está um segredo da existência humana autêntica, já que "a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes prevalece a morte» (*FT* 74).

Sair de si para encontrar e se encontrar com os outros, os outros apreciados por aquilo que são, é por aqui o caminho de conversão e de reforma de vida, de estilo de vida, não só pessoal, mas também dos grupos e das instituições. O que põe o "corpo" em movimento em relação ao outro, para que passe de "corpo estranho" ou de "exilado oculto" (cfr. FT 98) a irmão que me é caro, precioso e digno, será o amor. Não haverá que ter pudor com a palavra. Francisco usa-a também como categoria social e mesmo política (cfr. FT 180), enquanto verdade das outras virtudes, segredo de relações humanas e institucionais que reconhecem no outro um irmão, carne da mesma carne, e não um simples estranho distante, número estatístico ou dado funcional. É o amor que coloca «em tensão para a comunhão universal»; que faz harmonizar os direitos individuais com um bem maior; que gera benevolência, enquanto forte desejo do bem (cfr. FT 112); que promove solidariedade, gesto de quem se sente responsável pela fragilidade do outro, corresponsável com ele por um destino comum (cfr. FT 114); que leva a transcenderse a si mesmo e ao próprio grupo de pertença. «Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se. Pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença» (FT 95). O amor abre. Expande. Amplifica, geográfica e existencialmente. É aqui, sublinha o Papa, no «amor que se estende para além das próprias fronteiras» que está a «base daquilo que chamamos "amizade social"» (FT 99).

Para se caminhar para a amizade social, que implica indivíduos e instituições, e para a fraternidade universal, sendo esta a garantia quer da liberdade quer da igualdade, sublinha o Papa que «há que fazer um reconhecimento basilar e essencial: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância». Só por si. Só por ser homem ou mulher. A ser assim, «se cada um vale assim tanto, temos de dizer clara e firmemente que "o simples facto de ter nascido num lugar com menores recursos ou menor desenvolvimento não justifica que algumas pessoas vivam menos dignamente". Trata-se de um princípio elementar da vida social que é, habitualmente e de várias maneiras, ignorado por quantos sentem que não convém à sua visão do mundo ou não serve os seus objetivos» (FT 106). Por isso, «todo o ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente, e nenhum país lhe pode negar este direito fundamental. Todos o possuem, mesmo quem é pouco eficiente porque nasceu ou cresceu com limitações. De facto, isto não diminui a sua dignidade imensa de pessoa humana, que se baseia, não nas circunstâncias, mas no valor do seu ser». Assim, importa ter claro que, «quando não se salvaguarda este princípio elementar, não há futuro para a fraternidade nem para a sobrevivência da humanidade» (FT 107). Mas não basta aceitar em abstrato igual possibilidade para todos, deixando efetivamente cada um à sua sorte. As leis de mercado, a eficiência, o mérito não bastam. «A verdade é que "a simples proclamação da liberdade económica, enquanto as condições reais impedem que muitos possam efetivamente ter acesso a ela (...), torna-se um discurso contraditório". Palavras como liberdade, democracia ou fraternidade esvaziam-se de sentido [...]». Uma sociedade humana e fraterna deverá ser «capaz de preocupar-se por garantir, de modo eficiente e estável, que todos sejam acompanhados no percurso da sua vida, não apenas para assegurar as suas necessidades básicas, mas para que possam dar o melhor de si mesmos, ainda que o seu rendimento não seja o melhor, mesmo que sejam lentos, embora a sua eficiência não seja relevante» (FT 110). Como consequência, é preciso abordar séria e amplamente temas como a função social da propriedade, o destino comum dos bens criados, os direitos elementares dos povos ou a rede de relações internacionais. «Se se aceita o grande princípio dos direitos que brotam do simples facto de possuir a inalienável dignidade humana, é possível aceitar o desafio de sonhar e pensar numa humanidade diferente». Se se tomar efetivamente como base a dignidade humana, assumindo, assim, o esforço de entrar numa outra lógica, será possível

sonhar, pensar e agir uma humanidade diferente, percorrendo o caminho da paz assente numa «"ética global de solidariedade e cooperação ao serviço de um futuro modelado pela interdependência e corresponsabilidade na família humana inteira"» (FT 127).

# 3.3. UM MUNDO ABERTO PEDE UM CORAÇÃO ABERTO AO MUNDO INTEIRO

Procurando implicações práticas, o Cap. IV começa por referir: «se esta afirmação – como seres humanos, somos irmãos e irmãs – não ficar pela abstração mas se tornar verdade encarnada e concreta, coloca-nos uma série de desafios que nos fazem mover, obrigam a assumir novas perspetivas e produzir novas reações» (*FT* 128). Entre os desafios que exigem atenção, mudanças e ação, o Para Francisco reflete sobre os migrantes e a gestão das fronteiras; a relação com o diferente de si; as relações Ocidente-Oriente; as várias dimensões da tensão entre local e universal.

Obviamente, «para se tornar possível o desenvolvimento duma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária *a política melhor* [sublinhado meu, tratando-se do título do Cap. V], a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum», movida pela caridade. Vários números deste capítulo (*FT* 180-197) são dedicados ao melhor da política – ao "amor político" e à "atividade do amor político" – lugar onde os cristãos também devem estar presentes e dar testemunho qualificado e qualificador. «Mas hoje, infelizmente, muitas vezes a política assume formas que dificultam o caminho para um mundo diferente». Entre estas, o Papa Francisco presta especial atenção a traços marcantes e limitadores dos populismos e liberalismos. Também o poder internacional merece atenção.

"Torna-se indispensável a maturação de instituições internacionais mais fortes e eficazmente organizadas, com autoridades designadas de maneira imparcial por meio de acordos entre governos nacionais e dotadas de poder de sancionar". Quando se fala duma possível forma de autoridade mundial regulada pelo direito, não se deve necessariamente pensar numa autoridade pessoal. Mas deveria prever pelo menos a criação de organizações mundiais mais eficazes, dotadas

de autoridade para assegurar o bem comum mundial, a erradicação da fome e da miséria e a justa defesa dos direitos humanos fundamentais (*FT* 172).

Para o Papa Francisco, a necessária reforma da ONU deverá fazer parte deste processo.

Diálogo e amizade social (Cap. VI) é outro movimento vital de respiração de um coração aberto ao mundo inteiro. Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, cabe disporse e praticar o diálogo, a promover a cultura do encontro.

Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo "dialogar". Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar [...]. O diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; e contudo, de forma discreta mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor (*FT* 198).

Já a «falta de diálogo supõe que ninguém, nos diferentes setores, está preocupado com o bem comum, mas com obter as vantagens que o poder lhe proporciona ou, na melhor das hipóteses, com impor o seu próprio modo de pensar. Assim a conversação reduzir-se-á a meras negociações para que cada um possa agarrar todo o poder e as maiores vantagens possíveis, sem uma busca conjunta que gere bem comum» (*FT* 202), a começar pela verdade da dignidade humana.

Numa sociedade pluralista, o diálogo é o caminho mais adequado para se chegar a reconhecer aquilo que sempre deve ser afirmado e respeitado e que ultrapassa o consenso ocasional. Falamos de um diálogo que precisa de ser enriquecido e iluminado por razões, por argumentos racionais, por uma variedade de perspetivas, por contribuições de diversos conhecimentos e pontos de vista, e que não exclui a convicção de que é possível chegar a algumas verdades fundamentais que devem e deverão ser sempre defendidas. Aceitar que há alguns valores permanentes, embora nem sempre seja fácil reconhecê-los, confere solidez e estabilidade a uma ética social (*FT* 211).

A cultura do encontro ou o encontro feito cultura, estilo de vida, como forma concreta de amabilidade (cfr. 222-224), implica dispor-se e implicar-se em *percursos de um novo encontro* (Cap. VII). Da verdade dos factos se deve partir.

Novo encontro não significa voltar ao período anterior aos conflitos. Com o tempo, todos mudamos. A tribulação e os confrontos transformaram-nos. Além disso, já não há espaço para diplomacias vazias, dissimulações, discursos com duplo sentido, ocultamentos, bons modos que escondem a realidade. Os que se defrontaram duramente falam a partir da verdade, nua e crua. Precisam de aprender a cultivar uma memória penitencial, capaz de assumir o passado para libertar o futuro das próprias insatisfações, confusões ou projeções. Só da verdade histórica dos factos poderá nascer o esforço perseverante e duradouro para se compreenderem mutuamente e tentar uma nova síntese para o bem de todos (*FT* 226).

Partindo daqui, o caminho não se fará sem assumir o árduo esforço por superar o que divide, sem perder o que dá identidade a cada uma das partes envolvidas. O sentido basilar de pertença e do bem maior que ainda se poderá procurar em comum deverão permanecer acima dos conflitos e ser fundamento do encontro gerador de paz. Se há lutas legítimas, o perdão não poderá deixar de fazer parte do percurso da fraternidade e da amizade social. Porque, se for livre e sincero, «é uma grandeza que reflete a imensidão do perdão divino. Se o perdão é gratuito, então pode-se perdoar até a quem resiste ao arrependimento e é incapaz de pedir perdão» (*FT* 250). «Aqueles que perdoam de verdade não esquecem, mas renunciam a deixarse dominar pela mesma força destruidora que os lesou. Quebram o círculo vicioso, frenam o avanço das forças da destruição» (*FT* 251).

Por fim, a terminar FT, é dado lugar às religiões ao serviço da fraternidade no mundo (Cap. VIII). «As várias religiões, ao partir do reconhecimento do valor de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade. O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância». Porque «"o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor"» (FT 271). A experiência de fé e da sabedoria religiosa «que se vem acumulando ao longo dos séculos e aprendendo também das nossas inúmeras fraquezas e quedas, como crentes das diversas religiões» permite reconhecer

«que tornar Deus presente é um bem para as nossas sociedades». Que «buscar a Deus com coração sincero, desde que não o ofusquemos com os nossos interesses ideológicos ou instrumentais, ajuda a reconhecer-nos como companheiros de estrada, verdadeiramente irmãos» (FT 174). A fraternidade universal não rege unicamente assente sobre o contrato social. A dignidade humana pede o reconhecimento da sua transcendência. Também por isso importa não se resignar a que o debate público sobre o humano comum seja só ocupado e todo ocupado por "poderosos" e "cientistas". Cabe reconhecer o direito de cidadania no espaço público ao fundo secular da experiência e da sabedoria religiosa. O Papa sublinha mesmo que o papel público da Igreja não se esgota na assistência e na educação. Por isso, «embora a Igreja respeite a autonomia da política, não relega a sua própria missão para a esfera do privado», donde se segue que «não pode nem deve ficar à margem na construção de um mundo melhor», «deixar de "despertar as forças espirituais" que possam fecundar toda a vida social» ou «renunciar à dimensão política da existência que implica uma atenção constante ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral» (FT 276).

## 4. IMPACTO ONÍRICO E FORÇA PROFÉTICA DO PAPA FRANCISCO

Diante do sobressalto que deveria provocar a pergunta bíblica originária "onde está Abel, teu irmão?", dirigida por Deus a Caim acerca de seu irmão que matara, e da tendência para responder de modo indiferente e frio «sou, porventura, guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9), o Papa Francisco provoca a reagir com um novo sonho de fraternidade, que mova a um conjunto de movimentos do sono ao sonho, da indiferença à empatia, do fechado ao aberto, da proteção ao encontro, do uniforme ao plural.

Por aqui vai passando a força profética de Francisco: estar atento aos apelos da realidade ferida e deixar-se olhar e implicar por aqueles que, excluídos, não têm voz e ficam abandonados e esquecidos na margem; deixar-se tomar pela força transformadora do Evangelho, para que, como afirma em EG, o anúncio cristão se centre «no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário» (35). Com os pés bem firmes na realidade, ousar sonhar e desejar um mundo diferente e melhor, promovendo uma outra lógica de vida que, com o cuidado da criação, assuma cuidado pela humanidade que é comum, que é una, polifónica e poliédrica, e atravesse o risco da fraternidade universal. Outra lógica que mova indivíduos, mas também instituições. Porque o que está em causa implica processos

alargados e pactos mundiais. Para que ninguém seja excluído, para que ninguém fique para trás, para que os últimos tenham voz e se tornem protagonistas a partir da sua riqueza própria, para que a humanidade floresça.

Como o próprio Papa Francisco expõe no seu livro Sonhemos juntos (2021), trata-se de um movimento em três andamentos que conduz a alterar o ponto de vista. Concretamente, a descentrar-se, a transcender-se, a abrir. Com estes movimentos, Francisco aponta a direção de vários passos e de outras tantas passagens: reagir ao sono com um novo sonho; reconhecer a autoridade do húmus e nudez que partilhamos; assumir a saída como movimento espiritual de fundo; compreender-se como identidade descentrada; assumir outro paradigma (L. Boff, na sua obra mais recente, já evocada, tradu-lo como paradigma do *frater*, que substitui o paradigma do *dominus*, outro tipo de presença no mundo, que não passe pela vontade de poder e pela redução de tudo e de todos a furto e a posse, mas que se inscreva no húmus que partilhamos e se realize como dom e como fruto plural, humildade radical e pura simplicidade); primado da fraternidade, como raiz e verdade da liberdade e da igualdade, os grande valores da revolução francesa: liberdade fraterna que se assuma originariamente como relacional, para não degenerar em individualismo, narcisismo, etc., e igualdade fraterna que se assuma estruturalmente como diferenciada, para não degenerar em igualitarismo, uniformismo, etc.; a autoridade pública do amor no centro de uma sociedade plural.

Em síntese, com FT, o Papa Francisco coloca Igreja, homens e mulheres de boa vontade, instituições e religiões diante, quer de *uma forma de vida com sabor a evangelho* (o mais essencial, o mais belo, o mais importante, o mais atraente e, ao mesmo tempo, o mais necessário), quer de *um projeto cultural que implique a todos e a cada um*, recordando e implicando numa vocação cultural e social. Demasiado sonho para tão pouca realidade ou sonho com força profética?

O Papa Francisco sonha. Curiosamente, também S. José, segundo a versão do Evangelista Mateus, compreendia a vontade de Deus enquanto sonhava. Em *Querida Amazónia*, Francisco já tinha partilhado quatro sonhos: um sonho social sobre o cuidado da criação e a atenção aos últimos; um *sonho cultural* que passasse pela valorização do tesouro das culturas e a salvaguarda das suas raízes: um *sonho ecológico*, onde o olhar contemplativo e grato tivesse lugar primeiro e maior; um *sonho eclesial* de encarnação do Evangelho e de

inculturação da Igreja. De algum modo, já antecipava este grande sonho de uma fraternidade universal e amizade social que agora oferece à Igreja e ao Mundo, como motivo e impulso de transformação humana e de progresso social. É extraordinário que o Bispo de Roma queira que a Igreja viva em escuta radical e se exponha ao diálogo franco, sem medo de se sujar e de perder algo de si.

Francisco tem claro, e repete-o mais do que uma vez nesta Encíclica, que a alteridade de sujeitos, de tempos e de lugares é o caminho longo para o conhecimento mais íntimo de si próprio. Abrir-se seriamente à diferença não significa renunciar à própria identidade. De todo. É a afirmação de si que pede essa exposição e passagem pelo outro, precisamente, porque *não posso ser sem ele*. A humanidade que partilhamos *não* me permite ser *sem ti*. E é extraordinário que Francisco queira que a Igreja seja capaz de se fazer intérprete de desejos dos homens e mulheres de hoje e que seja lugar de elaboração de sonhos. Uma Igreja em contacto com o seu tempo e em atitude de escuta radical, não por condescendência ou porque o assunto tem "boa imprensa", mas porque é esse o caminho de reelaboração profunda da própria identidade cristã. À substância da fé tem-se acesso pela história, o que vai pedindo novas formulações e outras práticas. Mas é também caminho de maturidade cultural, para que a liberdade e igualdade não se retorçam contra si próprios, o ser humano não seja reduzido a objeto, para que as gerações futuras possam contar com uma casa habitável e ainda promissora.

Por vezes, durante a leitura do texto podemos perguntar-nos como será possível realizar tal sonho. O próprio Papa vai partilhando essa compreensível perplexidade. Não será tudo um devaneio (cfr. FT 127)? Passará de uma utopia de tempos já idos (cfr. FT 180)? Não ficaremos só em palavras (cfr. FT 6)? De facto, também a nós, quando terminamos o texto de Francisco, pode ficar a pergunta como será possível, atendendo ao estado de coisas, ao modo habitual das coisas acontecerem? O Papa Francisco aponta muito alto, não deixando nada nem ninguém de fora. Vai da conversão do coração à reforma da ONU; de uma nova lógica de vida à forma de fazer política e de organizar a economia global; da adesão a uma forma de vida com sabor a evangelho ao diálogo entre culturas, zonas do globo e religiões; do papel da razão e da fé religiosa para o estabelecimento do fundamento da dignidade humana ao amor político. Porém, no mais íntimo, fica o desejo de que o sonho possa ganhar corpo e gerar realidade, porque se trata do risco de sonhar um mundo novo, melhor e mais belo, que seja construído sobre o reconhecimento de cada um como um irmão. Precisamos deste sonho, desta eu-topia, deste

lugar bom que nos atraia do futuro e nos mobilize a caminhar na sua direção. O drama da pandemia que vivemos bem o demonstra. E não chega dizer que estamos todos na mesma barca. Precisamos de sentir que todos os que vão na barca são irmãos e irmãs, carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue, caminho que revela e realiza a verdade da vida humana.

Como bem notou Andrea Grillo (2021), ouve-se frequentemente que nos faltam líderes. Ora, aqui temos um que ousa sonhar, que cultiva as raízes, que cuida da alma humana, que aponta para longe, para uma humanidade melhor, mais una, mais bela na sua pluralidade e diversidade. O seu sonho não é abstrato. Quando abre os olhos, começa por deixar-se olhar e tocar pelo irmão que está ao lado, talvez caído à beira do caminho — o princípio ativo da ação talvez esta mesma forma de passividade: olhará quem se deixar olhar. E faz-se efetivamente próximo, pessoalmente com um copo de água ou, indiretamente, por meio de tantas mediações sociais, políticas, económicas, culturais que cobrem a nudez humana que é comum a todos, mas que se expõe dolorosa e tangivelmente no corpo de alguns. Se é assim, o grande sonho de *tutti fratelli e tutte sorelle*, afinal, já tem a forma de um bom lugar, a força de um processo efetivo, custoso, sim, mas necessário e promissor.

#### REFERÊNCIAS BIBLIORGRÁFICAS

CORREIA, José Frazão. Quem é o meu próximo?. Brotéria, 161, 431-441, 2005.

CORREIA, José Frazão. *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*. Prior Velho: Paulinas, 2014.

CHUL-HAN, Byung. O aroma do tempo. Um Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora. Lisboa: Relógio d'Água, 2016.

DE CERTEAU, Michel. Mai senza l'altro. Magnano: Qiqajon, 1993.

GRILLO, Andrea. Uomini... Fratelli tutti? - L'abbozzo di un sogno. Assis: Cetadella, 2021.

MORRA, Stella. «Pas sans toi». Testo, parola e memória verso una dinamica della esperienza eclesiale negli scritti di Michel de Certeau. Roma: PUG, 2004.

NERI, Marcello. Fuori di sé. La Chiesa nello spazio pubblico. Bolonha: EDB, 2020.

ROSSETTI, Carlo Lorenzo. *Fraternità, Chiesa e religione. Fratelli tutti, L'utopia katechontica di papa Francesco*. Rassegna di Teologia, 62/1, 45-66, 2021.

THEOBALD, Christoph. *Christianisme comme style. Une manière de faire de la théologie en postmodernité, I-II.* Paris: Cerf, 207.

THEOBALD, Christoph. *Selon l'ésprit de sainteté. Genèse d'une théologie systématique*. Paris: Cerf, 2015, páginas 181-201.244-366.

PAPA FRANCISCO. Sonhemos juntos. Lisboa: Planeta, 2021.